

MAÑAS, Alfonso. *Gladiadores: el gran espectáculo de Roma*. Barcelona: Ariel, 2013, 441 p.

KIMON SPECIALE BARATA FERREIRA*

Alfonso Mañas Bastida é doutor com menção europeia em História Antiga pela *Universidad de Granada*. Professor de História do Esporte e investigador da Universidad de Granada, elaborou a sua tese *Munera gladiatoria: origen del deporte espetáculo de masas* na Universidad de La Sapienza (Roma). Atualmente, é um dos maiores especialistas em estudos sobre gladiadores no mundo e responsável pela publicação de inúmeros artigos nas mais prestigiosas revistas acadêmicas sobre a História do Esporte e pela identificação da única estátua que representa um combate

de mulheres gladiadoras, o que lhe concedeu reconhecimento mundial através dos principais meios internacionais (National Geographic, Fox, NBC, etc.).

A referida obra apresenta-se com o intuito de introduzir o grande público no fascinante mundo dos gladiadores e dos espetáculos de gládio que se desenvolveram entre os séculos III a.C. e V A.D. dentro das fronteiras do território dominado pelos romanos. O autor, através de um texto objetivo e didático, introduz o leitor nos pormenores culturais, políticos e ideológicos que faziam

* Doutorando do Programa de Pós Graduação em História Comparada. Mestre em História Comparada pelo Programa de Pós Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009). Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Antiga e Medieval, atuando principalmente nos seguintes temas: economia romana, espetáculos, gladiadores, poderes e política no Principado romano. Professor horista da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSB-RJ). E-mail: kimon08@yahoo.com.br.

parte dessa específica prática cultural romana. Mesmo sem ser prolixo, o autor demonstra-se um grande conhecedor das fontes antigas e contemporâneas que versam sobre os espetáculos e suas interações distintas com a sociedade romana.

Já nas primeiras palavras da obra, o autor deixa claro aos leitores seu fascínio frente aos espetáculos de gládio e aproxima-os das atividades esportivas modernas: as técnicas, o treinamento, a profissionalização, o prazer visual, a lucratividade imbuídas nesta atividade corroboram a compreensão desta como um verdadeiro “espetáculo das massas”, como o futebol ou as corridas de Fórmula I em nossa sociedade. Ao estabelecer essa aproximação o autor já se afasta e propõe ao leitor abster-se dos juízos morais que permeiam a sociedade contemporânea para entender a importância que tal atividade detinha para a formação do *ethos* romano, marcado pela belicosidade e pela violência inerente ao ser humano.

No capítulo introdutório da obra, também é apresentado ao leitor o viés pedagógico que cercava os espetáculos através da educação visual daqueles que seriam os futuros legionários – os jovens. Os combates dos gladiadores “ensinavam” à população que através da disciplina e do treinamento era possível alcançar as

mais altas virtudes romanas: valor, obediência, desprezo frente à morte. Ademais, o autor reflete acerca da idealização do combate singular frente a um processo de expansão militar – marcado pelo desenvolvimento das legiões romanas profissionais – e pela subsequente pacificação interna – reduzindo o ímpeto guerreiro em uma população urbana que não mais cumpre a dupla função de cidadão – guerreiro como nos primórdios da sociedade. Por fim, o leitor é convidado a analisar e compreender o fundamental papel que os espetáculos de gládio exerceram na difusão da ética civilizatória romana que conduziu a expansão territorial e política do imperialismo romano.

O primeiro capítulo, intitulado *Orígenes del espectáculo gladiatório en Roma y consolidación en época Imperial*, contextualiza o nascimento dessa prática que, posteriormente, tornou-se um símbolo identitário da sociedade romana. Remontando ao seu passado pré-romano, o autor guia-nos à origem grega de um ritual fúnebre que se desenvolvia através de um combate próximo às tumbas de figuras ilustres (que já aparece na *Ilíada* de Homero). Os etruscos¹ foram os responsáveis por apresentar aos romanos esse dever (*munus*) de oferecer o derramamento de sangue próximo às tumbas como forma de

apaziguar as divindades *Manes* e o espírito do falecido. Além disso, ao oferecer *munera*, o herdeiro demonstrava sua capacidade econômica e organizacional frente aos demais membros da sociedade.

O *status* e o prestígio adquiridos pela oferta de um *munera* conduziram a um processo de institucionalização por parte do Estado romano que se apercebeu do importante valor político que essa prática adquiriu. Como representante dos valores de Roma e de sua capacidade de domínio frente à natureza e aos povos subjugados, os espetáculos de gládio tornaram-se fundamentais vetores do discurso imperialista (e imperial) romano. Desde o período tardo-republicano (105 a.C.), uma série de leis e editos buscaram regulamentar os aspectos referentes à gladiatura: os altos custos dos espetáculos, a utilização das *familiae gladiatoriae* como “exércitos pessoais”, a normatização dos espetáculos nas províncias conquistadas.

O capítulo *Tipos de Gladiadores* apresenta ao leitor as diferentes categorias existentes na gladiatura relacionando-as à historicidade e às conquistas (como o caso dos *samnitas*, *gallus*, *trácios* e *essedários*) e aos gostos e às atividades cotidianas (*mirmilião*, *secutor*, *tunicatos*) de forma a demarcar as suas especificidades referentes à postura e técnica de

combate, armamento, indumentária. A constante atualização dessas categorias demonstrava a intencionalidade romana de manter o interesse da plebe em alta, assim como “atualizar” nas arenas os acontecimentos históricos fundamentais para a sociedade romana (além da adaptação de valerosos inimigos das legiões romanas no campo de batalha, eram também representadas batalhas míticas do passado greco-romano).

Em *El recinto del Munus*, o autor discute o local onde ocorriam os espetáculos desde o período em que ocorriam próximo às tumbas e, posteriormente, nos fóruns até a origem dos anfiteatros (*amphitheatrum*) e sua expansão pelas vastas regiões do Império. Novamente o autor salienta a inter-relação entre cultura e política ao destacar entre as funções dos anfiteatros permanentes (monumentalizados) a ampliação do discurso da romanização² e de cooptação das elites provinciais. Na última etapa desse capítulo, é apresentada uma importante análise da simbologia do anfiteatro como: 1 – uma escala do universo; 2 – a ordenação da sociedade; 3 – a materialização da vitória de Roma; e 4 – uma metáfora da própria vida humana.

O capítulo seguinte, intitulado *El munus legitimun*, discute o funcionamento dos espetáculos a partir

das reformas de Augusto (século I A.D.). Nele, o autor apresenta todas as etapas, regras e rituais que compunham o desenvolvimento desses eventos: a *venatio* desenvolvia-se na parte da manhã e opunha os “caçadores” a animais domésticos e bestas selvagens de todas as partes do *Orbis Terrarum* dominado por Roma. Em seguida, os *ludi meridiani* apresentavam à audiência as execuções *ad gladium* ou *ad bestias* e, por fim, na parte da tarde desenvolvia-se o *munus* – o combate gladiatorial propriamente dito. Todas as etapas referentes à preparação do espetáculo – a aquisição de gladiadores, a propagação do evento, a compra de bestas – são analisadas de maneira a conceder ao leitor a percepção da necessidade de um aparato técnico e profissional muito maior do que a simples presença de combatentes na arena. A riqueza de detalhes acerca das regras e rituais que demarcavam as etapas do combate gladiatorial propriamente dito demonstra um rigoroso trabalho de levantamento e análise das fontes que tratam do tema.

O quinto capítulo – *La vida del gladiator* – foca na personagem principal dos espetáculos: os gladiadores. O texto introduz as diferentes formas de ingresso à gladiatura: 1 – escravidão; 2 – pena capital; 3 – voluntários e desmistifica o paradigma tradicional

que enxergava nos combates (influenciados pelos martírios de cristãos nas arenas) uma atividade brutal onde a violência desmedida e a barbárie assumiam as rédeas do evento. No entanto, Alfonso Mañas novamente dialoga com as fontes clássicas para demonstrar o paradoxo social que cercava a figura do gladiador: ao mesmo tempo que portava a infâmia, era reconhecido como “herói” e símbolo do poder imperial, referenciado e imitado até mesmo por imperadores. O capítulo analisa as etapas da vida profissional³ do gladiador atentando para as possibilidades de especialização e enriquecimento que se abriam diante dos bons lutadores, isto é, aqueles que demonstravam a técnica, a destreza, o desprezo diante da morte e, fundamentalmente, obedeciam e aceitavam as normas institucionalizadas.

O capítulo subsequente trata dos *Aspectos Sociales del Munus*, onde o autor retoma alguns aspectos previamente mencionados: a participação da sociedade nas arquibancadas e os distúrbios que poderiam surgir das paixões; a glória de ser o *editor* que ofertava um espetáculo de sucesso; o valor educativo e as críticas que surgiram em torno dos *munera*. Corroborando com a sua interpretação dos combates de gladiadores como um espetáculo de massas, somos apresentados mais uma vez às estrelas

“midiáticas” do show. A possibilidade de ascensão social desses profissionais é comprovada com os exemplos que as fontes nos relegam de gladiadores que ultrapassaram as barreiras da arena e dos anfiteatros e influenciaram⁴ a sociedade romana. Não poderia faltar na análise a presença dos imperadores que combateram como gladiadores (Calígula, Nero, Tito, Adriano) recebendo especial atenção a figura de Cômodo, de quem passamos a conhecer a trajetória política e a ascensão a uma egolatria que o levariam a aproximar-se da imagem de Hércules e utilizar-se dos espetáculos para comprovar sua identificação com o mítico herói.

Na subdivisão de número 14 (quatorze) desse capítulo – *Sistema económico del espectáculo gladiatorio* – novamente o autor demonstra-se um profundo conhecedor das particularidades materiais necessárias para o desenvolvimento dos espetáculos em Roma e nas províncias imperiais – onde não havia a presença do Imperador e a ajuda do Tesouro romano. É nessa etapa onde a obra de Alfonso Mañas destaca-se das demais obras clássicas sobre o tema que fundamentavam nos aspectos políticos; ideológicos ou culturais relegando as interações entre cultura, política e economia que perpassavam o abastecimento e o funcionamento da prática

da gladiatura. A análise da *Lex Ursonensis* e da *oratio de pretiis gladiatorum minuendis*⁵ aprofundaram a preocupação do Estado romano na institucionalização dos espetáculos de gládio especificamente através da limitação dos gastos e custos na organização desses eventos que deviam ser ofertados anualmente pelos magistrados provinciais.

O sétimo capítulo da obra – *Las mujeres gladiadoras* – apresenta aos leitores a participação de mulheres que, como os homens, se vendiam para a gladiatura e atuavam nas arenas dos anfiteatros. A escassez de fontes clássicas – textuais e imagéticas – que mencionem a participação de mulheres nestes espetáculos não inviabiliza o estudo das mesmas. O autor oferece ao leitor uma análise que dialoga com os diferentes aspectos que atraíam mulheres de todas as classes sociais romanas e homens que eram a maioria nas plateias⁶ dos anfiteatros. Dialogando com objetos que hoje estão em voga nas ciências humanas (como os estudos de gênero), Mañas estrutura uma valiosa reflexão acerca do papel que essas personagens exerciam sob o viés do erotismo e da excitação que causavam aos espectadores, assim como o papel de confronto frente à sociedade romana masculinizada e conservadora, que exigia das *feminae*

(as matronas romanas) uma postura tradicional e recatada.

El Coliseo, o oitavo capítulo, conforme o título, apresenta-nos ao monumental *amphitheatrum* conduzindo o leitor pelas etapas de sua história desde sua fundação. O capítulo analisa todas as partes do edifício e dos anexos (edifícios complementares) necessários para a organização dos espetáculos na Cidade Eterna. Perpassando pelos grandes eventos ofertados – como os jogos inaugurais de Tito ou os 123 dias de *munus* oferecidos por Trajano – e pelo pessoal necessário para a manutenção do edifício. O leitor é apresentado ao maior dos anfiteatros romanos, símbolo do poder, riqueza e capacidade administrativa imperial.

O último capítulo da obra – *¿Fin del espectáculo gladiatorio?* – analisa o declínio e posterior desaparecimento dos espetáculos de gládio. Como desenvolvido no decorrer de toda a obra, Alfonso Mañas propõe-se a descortinar o paradigma que por séculos identificava o término dos *munera* em 325 A.D. após a lei de Constantino que proibia as *damnatio ad gladium* na parte oriental do Império. Outra vez o autor dialoga com as fontes e fornece ao leitor uma análise repleta de embasamento histórico, trazendo à superfície novos apontamentos que enriquecem os

estudos acerca dos gladiadores e de seus espetáculos.

Ainda neste capítulo final, o autor presta um “*fan service*” aos leitores que o acompanharam durante a longa trajetória dos *munera* desvelando as ideias falsas sobre a gladiatura comumente reproduzidas nos veículos midiáticos como o cinema e a televisão. A influência do ritual que era empregado após a execução do gladiador condenado a *iugula* se encontra hoje na cerimônia de comprovação do falecimento do Sumo Pontífice da Igreja Católica, demonstrando como os espetáculos de massa da antiguidade romana ainda se fazem presentes e ainda nos fascinam.

À guisa de conclusão, salientamos a importante contribuição da obra *Gladiadores: el gran espectáculo de Roma* aos pesquisadores do tema e, de maneira geral, a todos aqueles que têm interesse em conhecer a sociedade romana antiga. Alfonso Mañas utiliza-se de um linguajar acessível àqueles que não têm maior intimidade com o tema, mas não deixa de criticar e combater os antigos paradigmas que moldavam o campo. A utilização de fontes de diferentes períodos da história romana e o seu diálogo com elas demonstram uma base sólida que permite ao autor introduzir os leigos e, ainda, sobressaltar os especialistas.

Notas

¹ Segundo fragmento atribuído a Suetônio, Tarquínio Prisco (616-579 a.C.) introduziu o costume de oferecer combate de pares de gladiadores em Roma, o qual perdurou por 26 anos.

² Resumidamente podemos entender a romanização como o processo dialógico iniciado pelas interações culturais entre os romanos e os outros dando origem a culturas híbridas que compunham a riqueza cultural da população do Império.

³ É interessante observarmos que o texto do autor traça um paralelo com as atividades esportivas contemporâneas demarcando as inúmeras especificidades profissionais que eram necessárias para o desenvolvimento desta prática como observamos com as grandes estrelas esportistas de nossa atualidade.

⁴ Esta influência não foi apenas decorrente das belas apresentações nas arenas como podemos ver no caso de Espártaco que liderou um exército de escravos e gladiadores rebeldes que assolou a Itália e ameaçou o poder da *Res publica* entre 73 e 71 a.C.

⁵ Também conhecida como a Lei Gladiatória de Itálica, pois nesta cidade na antiga província da Bética, na atual Espanha, foi encontrado o fragmento desta lei de Marco Aurélio e Cômodo (177 A.D.) que regulariza os preços dos espetáculos e dos gladiadores participantes.

⁶ Desde a reforma instituída por Augusto a presença de mulheres solteiras ou desacompanhadas foi combatida permitindo-nos atestar a presença de uma maioria masculina nos locais dos espetáculos.